

ORIGENS DO CAPITALISMO: entre as teorias de Karl Marx e Max Weber

ORIGINS OF CAPITALISM: between the theories of Karl Marx and Max Weber

Rodrigo José Fernandes de Barros*

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

<https://orcid.org/0000-0002-1927-4541>

João Emanuel Evangelista de Oliveira**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

RESUMO

O sistema capitalista foi estudado e profundamente teorizado por dois grandes nomes das ciências sociais: o filósofo Karl Marx e o sociólogo Max Weber. Este singelo artigo procura delimitar como a origem desse sistema aparece nas obras de ambos os autores e, num segundo momento, procura refletir sobre as interpretações que normalmente colocam ambas as teorias a respeito da origem do capitalismo como necessariamente antagônicas. Por fim, evidenciamos que algumas dessas interpretações são frágeis quando confrontadas pelas obras dos próprios autores.

Palavras-chave: Karl Marx; Max Weber; capitalismo.

ABSTRACT

The capitalist system was studied and deeply theorized by two great names in the social sciences: the philosopher Karl Marx and the sociologist Max Weber. This simple article tries to delimit how the origin of this system appears in the works of both authors and, in a second moment, tries to reflect on the interpretations that normally put both theories on the origin of capitalism as necessarily antagonistic. Finally, we show that some of these interpretations are fragile when confronted by the author's own works.

Keywords: Karl Marx; Max Weber; capitalism.

* Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil (2019).

Contato: rodjfb@gmail.com

** Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, Brasil (2000).

Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande do Norte no Departamento de Ciências Sociais e no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (mestrado e doutorado) da UFRN.

Contato: joao.e.evangelista@gmail.com

Artigo Recebido em: 25/08/2018. Aceito em 19/04/2023.

INTRODUÇÃO

Embora os temas que despertam paixões nas ciências sociais não sejam poucos, é necessário reconhecer o grande destaque que o estudo do capitalismo possui entre eles. Desde os primórdios do pensamento social científico no século XIX, o capitalismo figurou como tópico central com o qual os sociólogos, antropólogos e cientistas políticos precisaram lidar.

Essa centralidade persiste com mais força do que nunca em nossos tempos, no século XXI. Se por um período o capitalismo se mostrou ausente em algumas regiões do planeta (ou mesmo fora confrontado por sistemas alternativos), em nosso presente esse sistema tornou-se, de forma inquestionável, global e hegemônico.

Tal consolidação se deu, principalmente, com a derrocada do bloco soviético e com as mudanças estruturais realizadas na China no final do século XX (HARVEY, 2008). São pouquíssimas as nações que optaram por resistir a essa ordem mundial – sendo estas de pouca relevância planetária para constituir uma verdadeira alternativa ao capitalismo hegemônico.

Tanto a hegemonia do capitalismo é inegável quanto sua plasticidade é notória. Apesar das várias crises internas que por muito ameaçaram a sua estabilidade – podemos citar a “grande depressão” de 1929, ou a “crise do petróleo” em 1973 e, mais recente, a grande recessão de 2008, que ainda reverbera efeitos significativos – o sistema mostrou-se capaz de se reconstruir e ressurgir dos escombros.

Em busca de maior compreensão sobre este importante tema, dois pensadores alemães de destaque nas ciências sociais se debruçaram sobre ele. O primeiro deles foi Karl Marx, filósofo e economista, principal referência intelectual para as correntes e movimentos políticos que posteriormente viriam a se denominadas como marxistas (BOUCHER, 2015); já o segundo foi o economista e sociólogo Max Weber, um dos fundadores e consolidadores da sociologia moderna no campo científico, assim como o desenvolvedor da sociologia compreensiva (KALBERG, 2010).

Neste breve artigo procuramos, num primeiro momento, sintetizar como a gênese do capitalismo aparece nos trabalhos desses dois autores clássicos – noutras palavras, como esse sistema se originou segundo Marx e, respectivamente,

Weber? Em seguida, buscamos fazer uma reflexão sobre as interpretações costumeiras que colocam as teorias de Weber e Marx a respeito da origem do capitalismo como necessariamente antagônicas, demonstrando que estas não necessariamente se sustentam diante das obras dos próprios autores.

Para a realização do nosso primeiro objetivo, nos ocuparemos dos principais textos de Marx e de Weber que retratam como teria se dado origem do capitalismo – o primeiro volume da obra *O Capital*, de Karl Marx; e *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, de Max Weber.

Em relação à segunda etapa que propomos, iremos buscar auxílio e aporte nos escritos de cientistas sociais predecessores que teorizaram sobre Marx e Weber – destacamos aqui o sociólogo britânico Anthony Giddens e os sociólogos brasileiros Michael Löwy¹ e Carlos Eduardo Sell.

Antes de prosseguirmos, é necessário advertir o leitor do seguinte (e crucial) fator: não pretendemos, nesta reflexão, alegar que Marx e Weber produziram teorias gêmeas, que teriam desenvolvido constructos intelectuais idênticos, separados apenas por linguagens diversas ou abordagens diferentes.

Normalmente, as teorias de Marx e Weber são postas como radicalmente antagônicas e de fato existem divergências relevantes em vários aspectos de suas obras; sejam metodológicos ou políticos (LÖWY, 2014, p.17). Não buscamos suprimir essas características divergentes, mas demonstrar, como já afirmamos, que algumas interpretações que alegam haver um antagonismo significativo quanto às origens do capitalismo entre Marx e Weber são frágeis, carecendo de argumentos realmente sustentáveis.

AS ORIGENS DO CAPITALISMO EM MARX: A ACUMULAÇÃO PRIMITIVA

Karl Marx é uma das figuras cujos rótulos convencionais não são capazes de caracterizar. Podemos classificá-lo como jurista, filósofo, economista, teórico político, historiador, jornalista, revolucionário; indiferente de qual desses opte-se por utilizar,

¹ Embora seja brasileiro, Michael Löwy encontra-se radicado na França e a maior parte da sua obra foi escrita originalmente em francês.

seu trabalho não pode ser contido em fronteiras disciplinares rígidas ou olhares essencialistas (GABRIEL, 2013).

Em *O capital*, sua maior, mais vasta e incompleta obra, Marx procurou demonstrar como o modo de produção capitalista se estabeleceu, quais são suas principais características e como esse sistema terminaria através das suas crises inerentes, devendo ser substituído por outro tipo de modo de produção. No entanto, como propusemos inicialmente, nos centraremos apenas na origem desse sistema; tema presente no volume I de *O capital*.

Marx alega que o surgimento do capitalismo se deve a um processo histórico violento, ao qual ele batiza de “acumulação primitiva” (MARX, 2013, p. 959). Para entender tal processo podemos começar por compreender como surgiram as principais classes sociais² presentes no que ele batiza de modo de produção capitalista (MARX, 2013, p. 965). Mais precisamente são elas: a burguesia e o proletariado.

Como destaca Carlos Eduardo Sell:

É preciso explicar dois processos: 1) o surgimento de uma massa de trabalhadores livres no mercado, forçados a vender a única coisa que possuem, sua força de trabalho e; 2) uma massa de capital-dinheiro relativamente grande na mão dos capitalistas para que estes pudessem investir (SELL, 2009, p.58).

Marx destaca que a origem do proletariado está relacionada principalmente com os “ cercamentos ”, fenômeno que possui sua forma clássica na Inglaterra do século XVI ao século XVIII (MARX, 2013, p.972). Proprietários de terra começaram a cercar terrenos que antes eram tidos como “comuns”, ou seja, de uso geral da população, apropriando-se deles. Os camponeses eram surpreendidos com ordens de despejo, declarando que eles estavam em terras particulares, que mais tarde seriam destinadas a criação de ovelhas. Como bem afirma Marx:

(...) foi o grande senhor feudal que, na mais tenaz oposição à Coroa e ao Parlamento, criou um proletariado incomparavelmente maior tanto ao expulsar brutalmente os camponeses das terras onde viviam e sobre as quais possuíam os mesmos títulos jurídicos feudais que ele quanto ao usurpar-lhes as terras comunais (MARX, 2013, p.965).

² É importante frisar que: não existiriam apenas duas classes na teoria marxiana. Esta é uma interpretação recorrente, embora equivocada, do pensamento sociológico de Karl Marx e da sua teorização a respeito das classes sociais. Para encontrar uma boa amostra de que o próprio Marx não trabalhou com a existência de apenas duas classes sociais, recomendamos a leitura da sua obra *O Dezoito de Brumário de Luís Bonaparte* (2011).

Aos poucos, muitos camponeses ficaram sem trabalho e se viram forçados a sair do campo para os centros urbanos, em busca de outras ocupações. Foi desse êxodo rural que se formou o proletariado, uma grande massa de pessoas disposta a trabalhar nas indústrias em troca de um pequeno salário para sobreviver.

Voltemo-nos agora para o surgimento da burguesia, uma vez que a “expropriação da população rural, diretamente, cria apenas grandes proprietários fundiários” (MARX, 2013, p. 989). A concentração de terras levou ao surgimento dos arrendatários como figuras de destaque que centralizavam o capital – embora tenha demandado séculos para se consolidarem nesta posição (MARX, 2013, p. 989).

Será a revolução agrícola, a expropriação de terras e a demanda que os transformará em grandes senhores capazes de contratar a mão de obra remanescente do campo e multiplicar consideravelmente sua produção nos campos que arrendava. É de se pensar que o preço a se pagar pelas terras arrendadas seria um obstáculo ao lucro, mas Marx esclarece que:

O constante aumento dos preços do cereal, da lã, da carne, em suma, de todos os produtos agrícolas, inchou o capital monetário do arrendatário sem o concurso deste último, enquanto a renda da terra, que ele tinha de pagar, estava contratualmente fixada em valores monetários ultrapassados (MARX, 2013, p.991).

Em suma, as inovações tecnológicas na produção e o crescimento do mercado consumidor aumentaram os lucros dos arrendatários de maneira jamais antes vista – muito desse aumento no mercado consumidor deveu-se ao fato dos camponeses terem se tornado compradores dos itens que antes produziam, refletindo na diminuição drástica da produção artesanal.

A esses fatores somam-se os lucros provindos da exploração colonial e dos saques praticados pelas potências europeias em outros continentes, como África e Ásia (MARX, 2013, p. 1001). Por meio de tudo isso, temos aqui uma classe social com uma exorbitante quantia de dinheiro, possibilitando investir em diversos negócios (como a criação das fábricas que tomariam de assalto os cenários urbanos europeus do século XIX), produzir mais e gerar mais dinheiro, mais capital por meio de capital.

A essa classe dá-se o nome de burguesia. Ao modo de produção que surge com essas configurações, Marx chama de capitalista. Temos, portanto, o que seria a gênese do sistema capitalista na obra de Marx.

AS ORIGENS DO CAPITALISMO EM WEBER: A ÉTICA PROTESTANTE

Max Weber foi contemporâneo de Karl Marx, embora estes não tenham de fato se conhecido³. Formou-se em Direito e doutorou-se na mesma área, tendo realizado estudos interdisciplinares envolvendo história antiga e economia. (KALBERG, 2010). Ao contrário de Marx, que não fora formalmente um sociólogo, Weber o foi e é considerado um protagonista fundamental para a consolidação da sociologia enquanto campo científico, ao lado de figuras como Émile Durkheim, Georg Simmel e Gabriel Tarde. (COLLINS, 2009).

Com relação ao capitalismo, sua obra mais importante é a já consagrada *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Nela, Weber tenta delimitar quais foram as origens do sistema capitalista, só que partindo de uma abordagem diversa da que encontramos em Marx.

Para Weber, juntamente com as artes, a ciência, o Estado, a universidade e a arquitetura, o capitalismo seria o grande emblema da cultura ocidental. Ainda que possamos encontrar vários desses tipos de instituições e manifestações sociais em outras culturas pelo mundo, para Weber, somente no Ocidente houve um nível tão radical de tais elementos frutos do racionalismo (WEBER, 2004).

Seguindo as estatísticas provenientes do seu país (Alemanha), Weber nota que há uma prevalência dos indivíduos protestantes nas camadas mais abastadas da sociedade: dos empresários proprietários do capital aos elevados postos da mão de obra qualificada, os cristãos protestantes se destacam em relação aos indivíduos de outras religiões, como por exemplo, os católicos (WEBER, 2004, p.29).

Partindo desses dados, Weber busca descobrir qual é a influência dos fenômenos religiosos na origem do capitalismo moderno. Entretanto, Weber não presume que o protestantismo seja a única causa possível de explicar o capitalismo presente no Ocidente – pelo contrário, Weber admite que as causas que levaram ao

³ Karl Marx faleceu em 1883 na cidade de Londres, quando Max Weber tinha apenas 19 anos e vivia na Alemanha.

surgimento do capitalismo foram variadas e que envolvem fatores políticos, econômicos, militares etc (SELL, 2009, p. 119).

Ou seja, a religião não é um fator determinante para Weber, uma vez que determinismos não cabem no pensamento weberiano; este é sempre multicausal, considerando que a realidade nunca segue uma linearidade (KALBERG, 2010, p. 24). Antes, a ética protestante mais ajudou do que atrapalhou o avanço do capitalismo (SELL, 2009, p. 120).

Mesmo assim, ainda que não a considere como o único fator capaz de explicar essa marca da racionalidade ocidental, a ética protestante teria sido a “alavanca mais poderosa que se pode imaginar da expansão dessa concepção de vida que chamado de ‘espírito’ do capitalismo” (WEBER, 2004, p. 157).

Para explicar o que seria esse espírito capitalista, Weber recorrerá às máximas de Benjamin Franklin, onde este atesta que tempo é dinheiro; que crédito é dinheiro; que dinheiro é capaz de gerar mais dinheiro; que um bom pagador é senhor da bolsa alheia (WEBER, 2004, p.42-43). O que essas máximas nos dizem é que o espírito capitalista é, antes de tudo, uma ética de vida: uma vida disciplinada, sem avarezas, mas também sem exageros ou coisas supérfluas; uma vida ascética, com objetivos a se alcançar (WEBER, 2004, p. 45), numa perspectiva utilitarista:

No fundo, todas as advertências morais de Franklin são de cunho utilitário: a honestidade é útil porque trás crédito, e o mesmo se diga da pontualidade, da presteza, da frugalidade também, e é por isso que são virtudes (...) (WEBER, 2004, p. 45).

Um capitalista por excelência seria uma pessoa ascética, mas sua ascese não se pratica nos mosteiros⁴. É no trabalho que ele pratica sua disciplina e sua dedicação com o maior rigor possível, pois este é o ambiente que lhe permite se realizar como membro participante ascese.

Mas como o trabalho (e a dedicação rígida ao mesmo) ganharam tamanha importância? E, conseqüentemente, como essa ética mostra-se mais presente nos protestantes do que noutras religiões? Para Weber, a ideia de vocação, dada por Martinho Lutero, teria sido um dos maiores propulsores desse fenômeno (WEBER,

⁴ Ascese é um tipo de comportamento bastante encontrado na figura do monge: um indivíduo que renuncia o mundo ao seu redor e dedica-se a orar e a pagar penitências para alcançar uma graça religiosa.

2004, p. 71). Ao contrário do que dizem os dogmas católicos, para Lutero, o indivíduo não tinha como mudar o seu destino pós-morte através da oração ou das penitências; a forma de se alcançar a salvação seria através da aceitação de seus deveres profissionais (vocação), pois estes seriam como um chamado divino; um chamado do próprio Deus (WEBER, 2004, p. 73).

O processo iniciado por Lutero será radicalizado de forma muito mais intensa por outras seitas protestantes de menor envergadura que o luteranismo. O calvinismo, o pietismo, o metodismo, e as seitas anabatistas e batistas são algumas das características que Weber analisa em sua obra (2004, p. 87). Dentre estas seitas, Weber destaca o calvinismo como a capaz de melhor auxiliar no entendimento da relação íntima entre a ética protestante e a gênese do sistema capitalista (WEBER, 2004, p. 90).

O calvinismo prega que todos os seres humanos já nascem predestinados por Deus: Deus escolhe quem alcançará a salvação do paraíso e quem cairá na danação do inferno. Não há nada que os indivíduos possam fazer a respeito. Contudo, existira uma maneira de se obter pistas sobre a decisão divina, e essa maneira era o êxito profissional – se há sucesso na vida profissional, é um indício que se é um bom cristão e que a salvação é possível. Este bom cristão, dedicado e disciplinado, seria capaz de obter riqueza através do trabalho e, por não desperdiçá-la com coisas mundanas e seguir as boas práticas da fé, seria capaz de reinvestir seu dinheiro para gerar mais dinheiro (SELL, 2009, p. 122).

Para Weber, essa ética religiosa que se encontrava nas seitas protestantes (com mais ênfase no calvinismo) findou por alicerçar a lógica fundamental do sistema capitalista, que é o lucro por meio do trabalho metódico, racional e calculado. Onde reina uma ética católica, o lucro sempre fora visto como algo pecaminoso, mas numa ética protestante temos uma inversão dessa lógica.

Com o tempo, essa ética separou-se da religião e começou a caminhar com as próprias pernas, estimulando o desenvolvimento do capitalismo na sociedade:

(...) a ascese, ao se transferir das celas dos mosteiros para a vida profissional, passou a dominar a moralidade intramundana e assim contribuiu [com sua parte] para edificar esse poderoso cosmos da ordem econômica moderna ligado aos pressupostos técnicos e econômicos da produção pela máquina, que hoje determina com pressão avassaladora o estilo de vida de todos os indivíduos que

nascem dentro dessa engrenagem (...) e talvez continue a determinar até que cesse de queimar a última porção de combustível fóssil (WEBER, 2004, p. 165).

Temos, deste modo, a gênese do sistema capitalista na obra do sociólogo alemão Max Weber.

AS ORIGENS DO CAPITALISMO ENTRE MARX E WEBER

Não é incomum a afirmação de que a obra de Weber, com especial destaque para *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, seria uma refutação completa das teorias materialistas de Karl Marx; do lado oposto, temos cientistas sociais defendendo que os trabalhos de Weber se encaixam perfeitamente como marxistas. Essas oposições radicais nas interpretações revelam como a relação dos escritos de Marx e Weber são difíceis e complexas (GIDDENS, 1998, p.73).

Como expusemos na introdução deste artigo, as divergências entre os pensamentos de Marx e Weber existem e não podem ser suprimidas, e “são fundamentalmente divergências políticas e metodológicas” (LÖWY, 2014, p. 17). Ao passo que Marx era um pensador revolucionário e internacionalista, Weber era uma figura mais conservadora. Próximo ao fim da sua vida apoiou abertamente o nacionalismo imperial alemão (principalmente durante a I Guerra Mundial) e rejeitou o socialismo que ganhava força na Alemanha, através do partido social democrata (WEBER, 2014). Mesmo assim, Karl Marx era uma influência importante para Max Weber e não era por ele negado como grande intelectual por causa dos seus pontos de vista divergentes (LÖWY, 2014, p.18).

Uma investigação mais específica sobre as discordâncias políticas desses dois pensadores com certeza seria frutífera, mas este não é o nosso propósito aqui; o que nos interessa nesse momento é refletir sobre interpretações que normalmente são feitas a respeito das teorias de Weber e Marx sobre a origem do capitalismo, e que colocam as teses dos livros como necessariamente antagônicas; o que estamos buscando aqui é demonstrar que algumas delas são frágeis e que deveriam ser superadas.

Essas interpretações bastante disseminadas seriam as seguintes: em primeiro lugar, Marx não levaria em consideração outros fatores além dos

econômicos para as explicações que nos oferece, somente os fatores econômicos explicam a origem do capitalismo; em segundo ponto, Weber teria feito a supressão dos fatores econômicos e realce dos fatores culturais, deixando claro que o espírito do capitalismo só poderia vingar devido à reforma protestante (LÖWY, 2014, p. 22). Logo, nesse viés exposto por Löwy, as teses seriam antagônicas.

Estas interpretações se mostram frágeis quando confrontadas pelas obras dos próprios autores. Embora não tivesse atribuído um papel central aos fenômenos religiosos, Marx os leva em consideração principalmente quando retrata o protestantismo como uma religião burguesa, que teria dado alguns impulsos para a espoliação dos bens da Igreja e das terras comunais (MARX, 2013, p. 968).

Löwy aponta que na nota 124⁵ de O capital, Marx chega a afirmar que “o protestantismo, já em sua transformação de quase todos os feriados tradicionais em dias de trabalho, desempenha um papel importante na gênese do capital” (LÖWY, 2014, p. 21). Portanto, não há fundamentação para a afirmação que Marx ignora a religião e outros fatores que não os econômicos.

Referir-se a Weber como um estudioso que coloca a economia como fator menor também de “toda tentativa de explicar o racionalismo ocidental deve admitir a importância fundamental da economia e levar em consideração, antes de tudo, as condições econômicas” (LÖWY, 2014, p. 22). Aqui não se trata de afirmar que Weber era um determinista econômico, mas sim de apontar o quanto que a economia era um fator relevante em suas pesquisas já que o mesmo fora também um economista e realizou estudos com maior ênfase nessa área de saber (KALBERG, 2010).

Outro ponto frágil dessa última tese que alega as discordâncias é que Weber, em momento algum, afirma que o capitalismo é um produto da Reforma⁶ ou que somente pudesse ter surgido devido a influências da Reforma. Weber parte sempre de abordagem multicausal e considera que o ascetismo protestante seria apenas um dos fatores relacionados ao surgimento do capitalismo; jamais o único (SELL, 2009).

⁵ In MARX, 2013, p.1240.

⁶ Por Reforma leia-se “Reforma Protestante”, movimento cristão de contestação idealizado por Martinho Lutero, que deu início ao cristianismo protestante, divergente do cristianismo católico vigente em grande parte do continente europeu.

Sendo assim, essas interpretações bastante costumeiras no meio acadêmico acabam se mostrando insustentáveis quando confrontadas com os escritos do próprio Marx, e o mesmo acontece diante dos escritos do próprio Weber.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As diferenças políticas e metodológicas entre Karl Marx e Max Weber são inegáveis. Este singelo artigo não teve como objetivo rejeitá-las ou as colocar em segundo plano. O que procuramos foi realizar uma reflexão que promova um diálogo entre dois clássicos das ciências sociais que são, muitas vezes, vítimas de leituras apressadas ou de julgamentos desproporcionais, sem embasamentos teóricos.

Para toda teoria há um limite, e tanto a teoria de Marx pode tirar proveito das contribuições weberianas para a compreensão do capitalismo, quanto as teorias weberianas podem se enriquecidas com as teorias marxianas num movimento que fuja das ortodoxias tão presentes em alguns ambientes da academia. Este não é um exercício teórico inédito; outros pensadores já buscaram fazê-lo, como Walter Benjamin, György Lukács e Merleau Ponty (LÖWY, 2014), o que compra que temos em nossas mãos um terreno fértil para novas possibilidades de estudos que não devem ser descartadas.

Por fim, vemos a persistência da importância de Marx e Weber para se compreender o mundo em que vivemos. Mesmo que suas teorias tenham sido desenvolvidas num passado bastante diverso e que o capitalismo de hoje não seja o mesmo capitalismo do século XIX, elas não se tornam inúteis. O mundo continua capitalista no século XXI e, por hora, não há indícios de que deixará de sê-lo. Podemos então presumir que Marx e Weber continuarão habitando nossas interpretações por um tempo indeterminado.

REFERÊNCIAS

BOUCHER, Geoff. **Marxismo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

COLLINS, Randall. **Quatro tradições sociológicas**. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

GABRIEL, Mary. **Amor e Capital**: a saga familiar de Karl Marx e a história de uma revolução. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2013.

GIDDENS, Anthony. **Política, Sociologia e Teoria Social**: encontros com o pensamento social clássico e contemporâneo. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

HARVEY, David. **O Neoliberalismo**: história e implicações. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

KALBERG, Stephen. **Max Weber**: uma introdução. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2010.

LÖWY, Michael. **A Jaula de Aço**: Max Weber e o marxismo weberiano. São Paulo: Boitempo Editorial, 2014.

MARX, Karl. **O 18 de Brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

_____. **O Capital**: crítica da economia política. Vol. I. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

OUTHWAITE, William. **Teoria Social**: um guia para entender a sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2017.

SELL, Carlos Eduardo. **Sociologia Clássica**: Marx, Durkheim e Weber. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. **Escritos Políticos**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.